

Boletim O Gabelense

ano VII - nº 14 | junho 2004

Giliana Figueireido
um talento
em flor

Encontro:
mogofores
2004

O despertar
de um sonho

1ª. semestre de 2004

Nunca pensamos que o nosso Boletim permanecesse ao longo de seis anos, com publicação semestral com o número 13, em Dezembro de 2003 e o primeiro em 1997 . . .

Não foi fácil . . . Difícil se torna a continuidade, que nos parece ser do agrado dos gabelenses, embora não tenhamos grandes manifestações de solidariedade e/ou elogios . . . Uma vez por outra somos bafejados pelo prazer de uma referência mais simpática de um leitor mais assíduo e atento . . .

Solidariedade tem vindo e é nos dada pelos nossos colaboradores e patrocinadores, que estão atentos aos nossos apelos. Tem sido, aliás, o seu apoio que nos tem mantido activos, solidários com a publicação do nosso boletim, cientes de prestarmos um "bom serviço" à comunidade gabelense, unindo-os sempre à nossa

Associação, que é de todos nós, o elo de ligação e de convivência dos que viveram a maior parte das suas vidas nas longínquas paragens do Cuanza-Sul, terras do Amboim, na cidade da Gabela de que não esqueceremos as suas extensas plantações de café (roças) e palmares, os infindáveis cacimbos de chuva miudinha, os nevoeiros, chuvadas e trovoadas e os relâmpagos assustadores que serpenteavam o céu, iluminando-o, o cheiro da flor branca do café, nas manhãs e fins de tarde e, na época das colheitas, os terreiros cheios das bagas vermelhas do café "cereja" que, aos poucos ia secando . . .

Quem não recorda o Rio Mazungue, os bairros do Quinjunbulo, da Sétima, da Lua Cheia, da Aricanga, com o campo de Futebol, do ARA, não esquecendo o Assango, o Quirimbo e a Quilenda onde, outros tantos, diremos gabelenses, construíram os seus locais de vivência, de que hoje recordam os

bons tempos lá passados . . .

Vamos sonhar, vamos viver, vamos continuar a dar vida ao sonho dos gabelenses, mantendo o nosso Boletim e a nossa Associação, que nos têm unido e mantém viva a chama da nossa persistência e a cordialidade dos nossos encontros.

Obrigado a todos os gabelenses

A Direcção

índice

editorial	_____	pág. 2
encontro de mogofores 2004	_____	pág. 3
ai ué Angola	_____	pág. 4
é urgente educar os pais	_____	pág. 5
despertar de um sonho	_____	pág. 6
aca menino	_____	pág. 8
crianças	_____	pág. 9
paróquia da rainha isabel	_____	pág. 12
na montanha recordando	_____	pág. 13
apelo á verdade	_____	pág. 15
giliana figueiredo, um talento em flor	_____	pág. 16
um peregrinar de emoções...	_____	pág. 18

ficha técnica**propriedade**

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses

composição gráfica

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

impressão

Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

encontro: mogofores 2004

a direcção

Como vem sendo hábito, no próximo dia 27 de Junho de 2004 - **último domingo** - realizar-se-á o encontro anual dos Gabelenses, que terá lugar no Parque de Merendas de Mogofores, Anadia, com início pelas 10h00, prolongando-se por todo o dia.

Após as boas vindas, seguir-se-á pelas 13h00 a abertura das merendas com acompanhamento de música ambiente angolana e farra ao longo da tarde.

Os interessados poderão fazer, na oportunidade, o pagamento das respectivas contribuições (cotizações e ainda a actualização das moradas para recepção do Boletim).

Venham e tragam um amigo - apelamos à presença de todos - é dia de festa para todos os GABELENCES.



ai ué Angola!

são marques

Passei numa banca de jornais e revistas e não resisti a comprar uma revista cuja capa trazia os rostos sorridentes de um casal de noivos e em letras gigantes o título - O Grandioso casamento da filha do Presidente Angolano - .

Os noivos, jovens, bonitos, sedutores, nada há a dizer.

Estavam felizes, como seria de esperar. Muitos convidados que chegaram a 16 de Dezembro . . . representantes ilustres de vários países. Os melhores hotéis de Luanda reservados para os ilustres visitantes. Dia 18 de Dezembro teve lugar, nos jardins do Palácio Presidencial o casamento civil, com trajes de luxo. Se pudesse eu diria pessoalmente à noiva " Arrasaste Tchizé, . . . qual rainha africana . . . com coroa de diamantes e tudo . . . ! Aquele modelito era lindo e o decote mostrava os dotes magníficos de uma rainha de ébano !!! "Que sorrisos, quanta beleza, quanto luxo e grandiosidade. Foi um desfile de elite, da fina flor - o apogeu !

No dia seguinte, com a cerimónia religiosa, novas maravilhas nos surpreendem ! . . . Os bancos da Sé Catedral estavam cobertos de linho branco e, por todo o lado se multiplicavam orquídeas e rosas brancas enquanto no chão, pequenas lamparinas iluminavam o ambiente . . . " A noiva vestia um "modesto modelito" do prestigiado estilista libanês que habitualmente veste a rainha Rania da Jordânia.

Novamente desfilaram modelos lindos, ricos, esplendorosos. Sucederam-se os pratos requintados, as danças, os músicos, o fogo de artifício, as mesas iluminadas por candelabros. Foi o grande banquete, a festa grandiosa.

Gente . . . isto é ou não, puro surrealismo? Estamos falando de Angola, onde há fome, há epidemias, onde morre um povo faminto. País onde as O.N.G. (Organizações Não Governamentais), continuam a tentar auxiliar, continuam a enviar contentores

com alimentos, medicamentos, agasalhos, para tentar minimizar o infortúnio do povo angolano. As crianças Angolanas morrem de fome!

Como é então possível que o seu Presidente tenha uma das maiores fortunas de África? Tenha propriedades em vários países, muitos bens móveis e imóveis. Com um exemplo destes, onde estão os políticos incorruptos daquele país?

" Angola em recuperação mas com

muitas crianças subnutridas... " assim começa o anúncio da campanha de ajuda promovida pela R.T.P e o Totta, apelando para donativos dos Portugueses. Tenham dó . . . !

Zé Eduardo, tenha vergonha !

Ai ué Angola ! . . .

Ai ué, povo Angolano . . . !



é urgente educar os pais

"necessitamos urgentemente de cultivar os valores humanos"

Todos nós sabemos que o Homem, presentemente, tem alguma dificuldade de se descobrir no sentido humano. O Homem tornou-se máquina, apto a fazer tecnicamente coisas num corre, corre sem parar.

Cresceu a ciência, a técnica, a informática, a globalização ou a sociedade de informação e consumo, mas o homem (ou a mulher) não cresceu dentro de si. O progresso, a técnica ou a ciência não preenche a felicidade do Homem, que vive para fora de si, por isso, **torna-se necessário urgentemente rever e cultivar os valores humanos.**

Temos que ter a capacidade de descobrir o que é ser humano, utilizar a inteligência e as capacidades sentimentais. É muito importante ter capacidade de amar e ser amado, de criar ligações entre as gerações, estimular a confiança, educar a personalidade, explorar o carácter de tal forma que cada um saiba, de uma forma prática e real, descobrir-se a si mesmo e crescer no comportamento de **"dar de si antes de pensar em si"**.

Alguém consegue dar o que não tem? Claro que não. Se esta é uma verdade de **La Palisse**, então temos que ensinar (educar) os pais, para que estes saibam apetrechar-se de valores e sentimentos, para depois os transmitirem aos seus filhos.

Todos nós buscamos a felicidade para cada um. Se soubermos e constataremos que o nosso filho ou a nossa filha é feliz, sentimos que conseguimos o objectivo, ou estamos no caminho de o atingir.

Algures num livro, um dia, li esta frase **"não busques felicidade fora...quando a tens dentro de ti"**. Considerando a sabedoria do seu autor, necessitamos antes de tudo saber quem somos, onde estamos, e



para onde queremos ir. A importância do sucesso e da felicidade na vida de um jovem, passa pelo ensino, educação e desporto, mas principalmente pelos seus pais, que têm que saber que futuros querem para os seus filhos, devendo estar permanentemente vigilantes sobre as suas actividades diárias e a causa efeito das actividades tidas fora do lar.

Para nós pais, é tempo de aprendermos com os erros cometidos por muitos pais, que inconscientemente, resolveram confiar a educação e o lazer

dos seus filhos a alheios e desconhecidos, os quais sem quaisquer tipos de escrúpulos usaram e abusaram da sua inocência, sendo hoje vítimas e como tal **infelizes.**

Acácio Oliveira

o despertar de um sonho

vitor magalhães



O que vou dizer a seguir não é mais do que a manifestação de um sentimento que me acompanha e que julgo poder ser comum a muitas das pessoas da minha geração que viveram e nasceram em Angola, em condições idênticas àquelas em que eu próprio vivi.

Depois de passados 29 anos desde que cheguei a Lisboa, então com apenas 19 anos de idade e como refugiado da guerra civil que então grassava em Angola, dou comigo a pensar no antes e depois desse angustiante momento.

A vida que ficou para trás, em Angola, a vida que se lhe seguiu, em Portugal, até agora.

Neste contraponto não posso deixar de comparar a infância e adolescência dos meus filhos, entretanto nascidos em Portugal, com a minha própria infância e adolescência, em Angola.

As diferenças são tão grandes que se torna difícil e angustiante, para um pai, transmitir aos seus filhos o que foi a sua própria infância e adolescência, numa terra diferente e em circunstâncias sociais e políticas igualmente distintas.

No entanto, essa transmissão é importante que se faça e por isso os pais a sentem como um imperativo.

As referidas diferenças são ainda mais marcantes porque em Angola eu era

um dos que estavam umbilicalmente ligados ao chamado “mato”, uma vez que sou filho de um fazendeiro e nasci numa *roça*, num local chamado **Hengo**, ali para os lados do Condé e a cerca de 70 kms da Gabela.

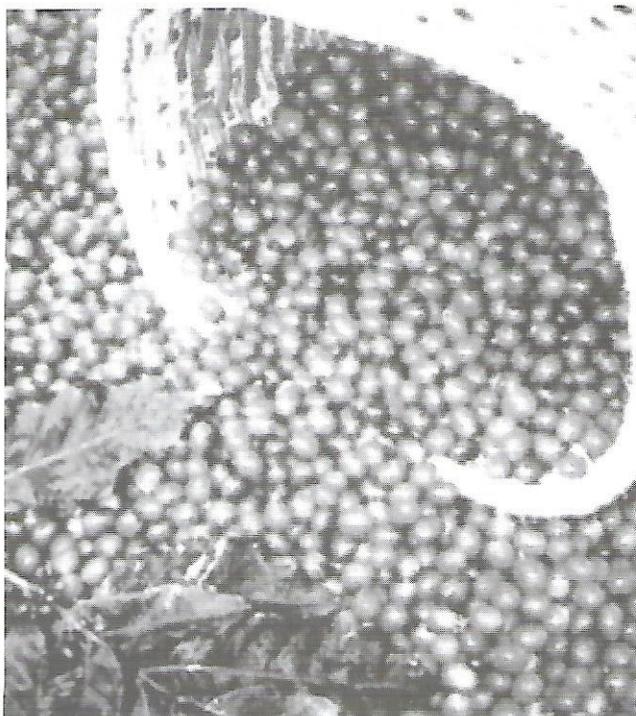
Falar dos meus passatempos na infância e adolescência, designadamente nos períodos de férias, é descrever a ausência de televisão, a vida nas fazendas em Angola, com as suas rotinas de trabalho, as grandes reuniões da família por alturas do Natal, tomar o *matabicho* a meio da manhã, as grandes *piruadas*, as grandes chuvadas (ou a angústia provocada pela falta delas), o cheiro a terra molhada depois de chover, as perdzes a cantar ao princípio da manhã e ao fim da tarde, as queimadas, os passeios de bicicleta pelos caminhos de gentio, apanhar vento, frio e pó na carroçaria de um *Land-Rover*, as caçadas, inicialmente aos pássaros e de “pressão de ar”, mais tarde a chamada “caça grossa”, com caçadeiras, carabinas e com o foco de um farolim a percorrer as *anharas* à procura dos olhos de um *nunce*, etc. etc.

Tudo isto num contexto em que se convidavam e recebiam amigos, ou pessoas que, por razões profissionais, ali tinham de ir e com quem tínhamos oportunidade de partilhar todas essas maravilhas.

Transmitir tudo isto a jovens (os meus filhos) que vivem no Portugal da União Europeia, consomem televisão e jogos de computador a rodos e navegam permanentemente na *Internet*, é um trabalho colossal.

Estou certo que outros conterrâneos, em situação idêntica à minha, poderão enfrentar a mesma dificuldade de comunicar aos filhos o que foi a sua infância e adolescência.

Esta dificuldade mais se agrava com a informação que a estes jovens tem vindo a chegar, ao longo do tempo, sobre essa terra (Angola), da qual sabem ser os pais originários. Imagens de ruínas, guerra, fome,



pontualmente em determinados momentos e, por exemplo, quando, nas alturas da Páscoa ou do Natal, ouvimos colegas de profissão dizerem que *vão à terra*, ou seja, ao local onde nasceram e onde se encontram as suas referências mais próximas.

Nestas alturas, lembro-me sempre da minha *terra*, algures no hemisfério sul e onde a única referência que ainda sobreviverá deve ser apenas, o *local*, uma vez que as outras, as *peessoas*, infelizmente, já não deverão existir.

Por mais que queira ver no nevoeiro que normalmente envolve a Serra de Sintra, o cacimbo que envolve os morros do Amboim, a verdade é que ali não existem cafeeiros nem o cheiro do café em flor...

Quando, no chamado *Verão Quente de 1975*, desembarquei em Lisboa, comecei, de facto, a despertar de um sonho muito bonito e que comigo guardarei para sempre.

Mas a vida é sempre para a frente e, agora, os filhos aí estão, há que ajudá-los a sonhar também, embora numa outra terra e noutros contextos...

Sintra, 2004-04-07

Vítor Magalhães



Nota: Vítor Magalhães (Vitó) é natural da Fazenda Vitória, Hengo-Condé, filho de Angelo Gonçalves Magalhães e de Noémia Vieira de Magalhães, casado com Adriana Correia de Magalhães, natural da Cela e pai de três filhos Pedro, Filipe e Daniela, nascidos em Portugal, onde casou.

doenças, miséria e desolação. Como poderão eles entender que os pais *ali* tenham vivido, depois de até nos terem ouvido contar maravilhas acerca da nossa vida nessa terra ?!

Enfim, um trabalho hercúleo, valendo-me a circunstância de a Mãe também ser natural de Angola (Cela), ligada ao "mato" e às fazendas e comungar da mesma angústia.

Saliento sempre a circunstância de se tratar de pessoa ligada ao "mato" porque acho que as pessoas que, em Angola, sempre viveram nas cidades, experimentaram menos problemas de adaptação à mudança em Portugal e poderão não entender ou sentir o que estou a dizer na sua plenitude.

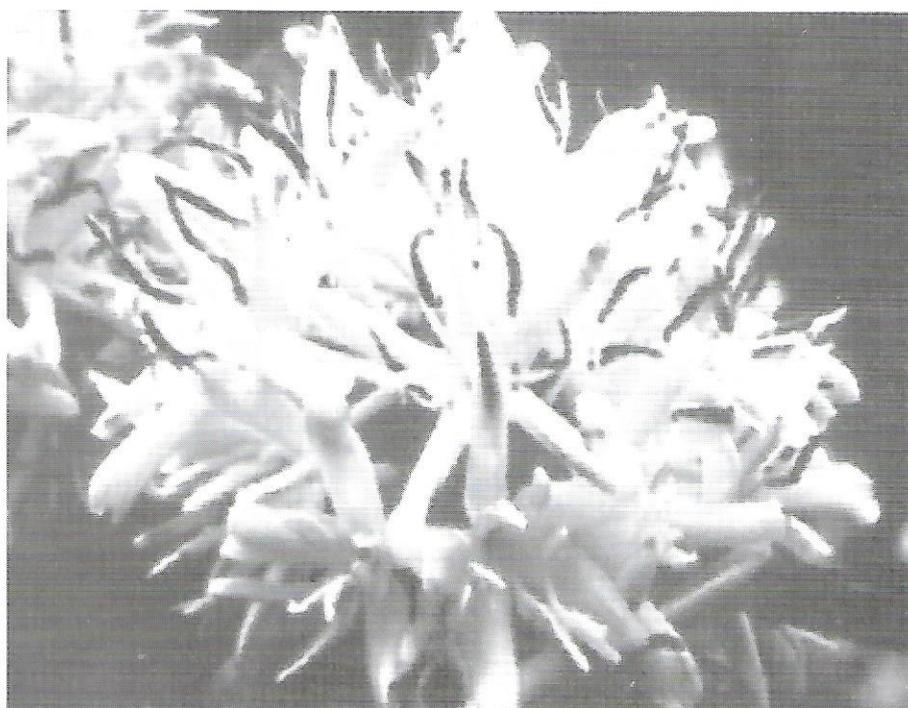
A verdade é que esta particular vivência em Angola arrasta consigo, a todos quantos a experimentaram, uma *condição* que os leva, muitas vezes, a sentirem-se *estranhos* na terra de seus filhos.

E tal acontece-nos, por maior que seja a nossa integração ou inserção profissional em Portugal. Com efeito, apesar dessa circunstância, a realidade é a de que perdemos muitas das nossas referências e, designadamente, a oportunidade de sermos adultos e auto responsáveis na nossa própria terra, uma vez que saímos de lá ainda *putos*.

A perda dessas referências sente-se

Muitas dessas pessoas desapareceram, bruscamente, das nossas vidas, nunca mais as vimos ou tivemos notícias delas.

Este sentimento de *não pertença* à terra onde actualmente vivo acompanha-me frequentemente, por mais que queira adoptar outra, Sintra, onde trabalhei e vivo há mais de uma década, mas a verdade é que as referências aqui criadas são muito mais *recentes*, não têm nada a ver com as minhas *origens*.



aca menino!!!

jorge domingues

Após o 25 de Abril, após a dita revolução, alguém consegue explicar o que mudou para melhor? Eu digo, ganharam os políticos e os familiares para quem arranjaram as cunhas. Ganharam os militares que aumentaram as regalias e deixaram de trabalhar. Ganharam a elite Africana que enriqueceram enquanto o povo morre na miséria, mas como já não há colonialismo já ninguém se preocupa com o destino de milhões de desgraçados que não têm direito à saúde, ao ensino, à educação e entre os quais a esperança de vida é baixíssima. Reparem na hipocrisia mundial que permitem que haja Mugabes e Mobutus, mas não admite Saddam. Já pensaram porquê? No que nos diz respeito tornámo-nos no último país europeu, já muito atrás da Grécia e o 25 de Abril foi à 30 anos. Alguém explica porquê Eu sei todos sabemos; por mim voto em branco ou melhor não voto. Votar hoje é um pouco masoquismo. Elegemos hoje quem nos trama amanhã, com políticas completamente desfasadas.

Continuamos a ser os primeiros em casos de tuberculose, sida, consumo de drogas, mortalidade infantil, desemprego, pobreza e o 25 de Abril foi há 30 anos. Como seria se não houvesse a revolução? Veja-se o caso da Espanha e o desenvolvimento que teve nas últimas décadas. Aqui privilegia-se a pedinchisse. A política de impostos em vez de estimular a produtividade, penaliza o trabalho e subsidia a indolência, sem se gerar riqueza, quem tem filhos é penalizado, os divorciados, as uniões de facto são beneficiados, os casados são penalizados. Pagam-se impostos, mas o ensino bom e acessível é particular, a saúde é particular; hoje o estado só pede, não dá nada em troca. A insegurança aumentou a justiça não funciona - e o 25 de Abril foi há 30 anos.

O exemplo do que é o nosso país e a política de quem nos governa é o que se passa com os automóveis. Reparem comprem um carro que nem cá é fabricado e metade do valor vai para o Estado com IVA e I.A., depois paga-se a gasolina em que metade é imposto e paga-se o selo para circular e

inspecção obrigatória e as multas e os bloqueios e para estacionar e portagens e garagens e seguros obrigatórios e um carro que é necessário é caríssimo. E depois multa por não levar o cinto, porque não tem pisca-pisca e stop e não virou à esquerda e não abrandou no cruzamento. Se ao menos as leis, fossem para nos proteger não as leis são para originar multas para os cofres do Estado. Porquê a usar cinto obrigatório? E nos transportes públicos, nos comboios, nos autocarros, nas motas? Nas estradas as mortes sucedem-se não por excesso de álcool, nem pelo cinto, nem pela inspecção. Sucedem-se pela falta de civismo e pelo lascismo da sociedade.

As leis são assim se cospes para o chão multa, se atendes o telefone no carro multa mas podes levar o cão fazer as necessidades no passeio (quase todos os deputados e deputadas têm cão) podes fumar no carro e ouvir música e sintonizar canais.

Burocracia - já repararam nos cartões



que nos identificam a quantidade de números que existem seria tão fácil dar-se o mesmo número de identificação que seria para a carta de condução, o passaporte, o B.I., o cartão de saúde. Não! De preferência se renovares um cartão, um número novo.

Não ouviram as campanhas contra a contrafacção. As marcas devem ser de qualidade garantida: camisas lacoste, calças levis, relógio omega tudo para adornos. No que toca à saúde o governo incrementa o uso de falsificações. Não precisas tomar aspirina, toma ácido acetilsalicílico que é mais barato; não faz tão bem mas é melhor porque é mais barato. Não repararam que poupar dinheiro com os medicamentos não passa pelo uso dos genéricos, mas pela unidose não é na qualidade que está o problema, é na quantidade. Toda a gente tem uma farmácia em casa com os medicamentos a passarem de prazo e a irem para o lixo. O estado subsidia medicamentos para irem para o lixo. Se o médico precisa de dar 10 comprimidos porque carga de água há de receitar uma caixa com 30. Logicamente o doente toma 10 e manda 20 para o lixo.

Foram os portugueses os primeiros europeus a falar em terrorismo, em 1961 em Angola. O Embaixador de Portugal na ONU Rui Patrício mostrou fotografias dos massacres; ninguém ligou eram portugueses que tinham morrido. Morreram vítimas de terrorismo cidadãos de outros países, aí sim é terrorismo e há uma campanha internacional contra o terrorismo porque foram atingidos pessoas de ouro. . .

Todos os que viveram e nasceram em Angola são saudosistas porque é obrigatório ter saudade e muita daquela terra grande generosa com alma. Eu sou saudosista mas muito realista. Aqui é mesmo o puto! E quem manda no puto já não é o grande pai branco "É os puto também menino! Aqui no puto tudo é pequenino e as coisas mais pequenino que tem é as pessoas; e estas pessoas quanto mais alto está mais pequenino fica!"

Dixit ■

crianças

Vamos todos dar as mãos
Abraçar a nossa terra
Angola é nossa Pátria
Não queremos lá a Guerra

Tu criança que estás tão triste
Anda para aqui brincar
Junta-te à nossa roda
E connosco vem contar

Sejas pobre, sejas rica
Tu és criança também
O mundo é para todos
É tua a nossa mãe

Esta pátria é de todos
Não se nega a ninguém
Tu criança que és tão frágil
Só lhe podes fazer bem

Eu sou um menino, uma criança
Um jardim a florir
Eu sou um menino
Que a correr eu gosto de sorrir

Pequenino eu sou agora
Amanhã um homem serei
Espero um mundo melhor
Para que nele eu viverei

Crianças do amanhã
Não tenham medo de viver
A vida é mesmo assim
Todos temos de sofrer

Vamos todos dar as mãos
Com sorriso e esperança
Para que o mundo melhore
São os desejos de uma criança

Tratem bem as crianças
Dêem-lhe carinho e amor
Uma roseira mal tratada
Nunca deu botão e flor

Eu sou como o sol
Que dá calor à terra
Eu sou um menino
Que não gosto da guerra

Eu sou uma estrela
Que vivo a sonhar
Eu sou uma borboleta
Que no céu você vê

Eu sou como o arco
Que gosta de correr
Eu sou um menino
Que gosta de viver

Eu sou aquele menino
Que gosta de pular
Vocês meus amiguinhos
Venham para aqui brincar

Aqui vou terminar
Com esta lição
Adeus meus amiguinhos
Aprendam esta canção

Otília Sousa
1996



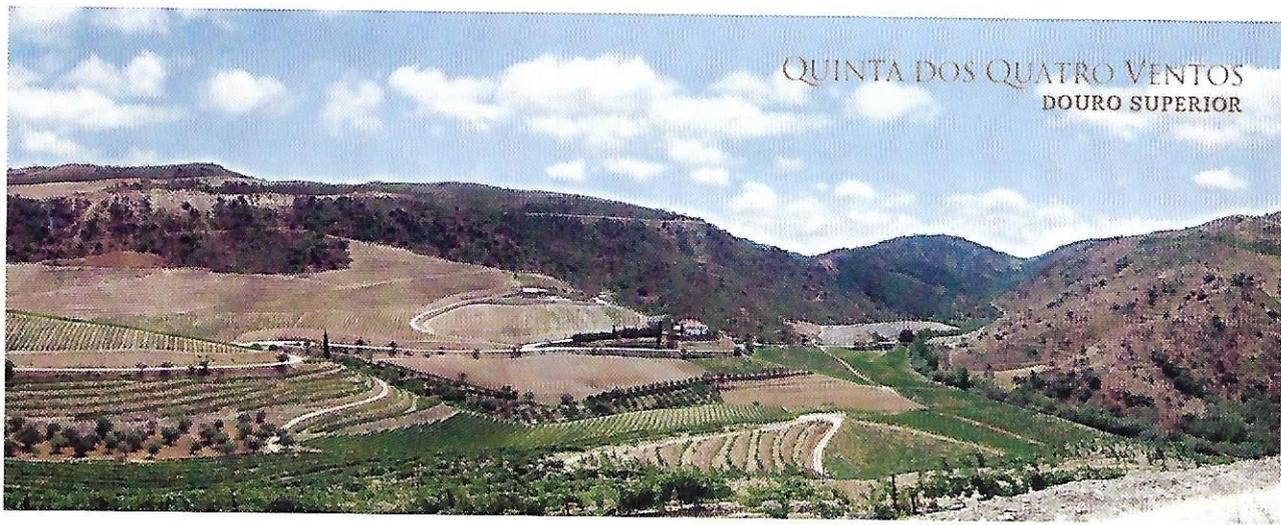
CAVES ALIANÇA

Há cerca de 75 anos, na Vila de Sangalhos, na região da Bairrada, onze sócios liderados por Domingos Silva e Angelo Neves, decidiram unir forças e fundaram a então designada por Vinícola de Sangalhos, Lda. Desde logo a empresa começou a exportar para o Brasil, África e Europa na década de 50, adoptou o nome que hoje conhecemos: Caves Aliança, e que, tanto em Portugal como no resto do mundo, é sinónimo de vinhos, espumantes e aguardentes de qualidade. As Caves Aliança cresceram e modernizaram-se, organizando-se numa estrutura de Grupo.

A aposta na qualidade levou a empresa a adquirir Quintas em regiões como o Alentejo, Dão, Douro, Bairrada e as Beiras. Nestas explorações foi encetado um profundo trabalho de reconversão e plantação de vinhas. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pela equipe técnica das Caves Aliança, em parceria com dois "world Class WineMakers" Michel Rolland e Pascal Chatonnet. O investimento feito nas áreas da produção estende-se também ao nível da vinificação, com instalação de modernas adegas e constituição de um parque de barricas de carvalho de elevada qualidade, para estágio dos vinhos. Paralelamente, a empresa tem investido em modernos sistemas de gestão/informação SAP e CRM.

Esta estratégia começa agora a dar os seus frutos, como poderemos constatar pelos enúmeros prémios obtidos recentemente. Como é o caso do "T" Qtª da Terrugem 1999, considerado um dos melhores vinhos Ibéricos, os prémios da Revista de Vinhos, e de diversas revistas internacionais.

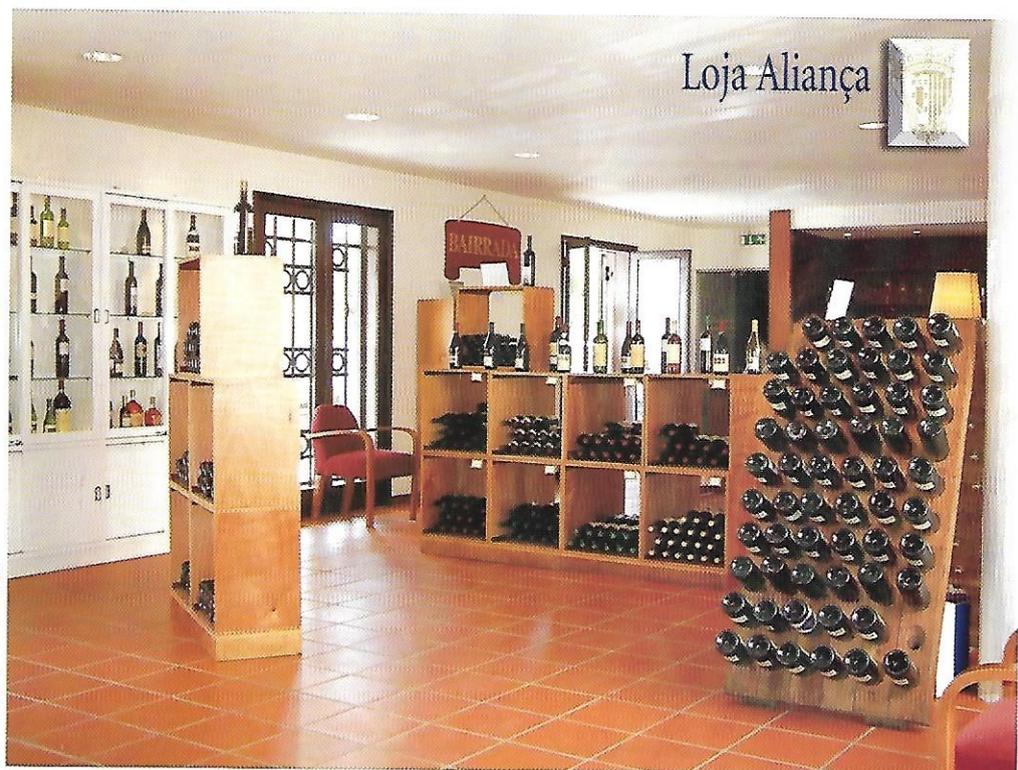




Caves Aliança, S.A.
Rua da Misericórdia
Sangalhos
Telef. 234 732 000

www.caves-alianca.pt
calianca@caves-alianca.pt

Visitas: 10h30, 11h30, 14h30
15h30, 16h30



paróquia da rainha isabel

caros amigos gabelenses

Uma saudação amiga para quantos de vós passastes pela Gabela e aqui construistes a vossa vida e esta linda cidade que hoje infelizmente se degrada de dia para dia. Gostaria com esta minha presença junto de vós manter-vos unidos a esta cidade onde concretizastes muitos sonhos e realizastes grandes projectos...

Acabam de chegar a esta Paróquia duas jovens licenciadas em Línguas e Bio-química para darem aulas no Pré-Universitário da Gabela. Para além deste trabalho irão colaborar connosco no curso de informática e de inglês que

vamos iniciar no nosso Centro Socio-Cultural. Este dispõe dum salão com 550 cadeiras e balcão para mais 200 pessoas onde vamos passar vídeos infantis aos sábados à tarde para as crianças e outros vídeos aos domingos à tarde para jovens e adultos, para além de sessões de teatro que o nosso grupo teatral já tem apresentado. Há uma sala de leitura e uma biblioteca que está a ser apetrechada com livros que têm vindo daí. Há alunos do polo universitário do Sumbe que estão a vir aqui consultar a nossa biblioteca. A paróquia continua a ser o grande polo dinamizador desta cidade adormecida.

Depois de termos construído a casa paroquial em material local (blocos de terra comprimida) e o Centro Sócio-

Cultural, mesmo ao lado da Igreja Paroquial, queremos restaurar a nossa Igreja da Rainha Santa Isabel cujo tecto ameaça ruína se não lhe acudirmos urgentemente. No dia um de Janeiro deste ano lançámos o desafio: "vamos reconstruir a nossa Igreja". É necessário retirar toda a telha já apodrecida e furada e toda a estrutura de madeira. Tem que levar toda a instalação eléctrica nova para além da pintura geral. É um projecto muito caro nesta Angola onde tudo é a preço de ouro. Mas o nosso apelo está a ser acatado e já surgem respostas tanto locais como de fora. Na sua pobreza o povo já está a responder.

Em Portugal também já surgiram algumas iniciativas de apoio. Quando vim para a Gabela há nove anos a Diocese de Aveiro ofereceu 1.800 contos da campanha quaresmal que reservei para a reparação da Igreja. A Paróquia do Ovar, a terra do P. Maia que fez esta Igreja e que no próximo ano celebra o seu centenário, contribuiu com 3.000 Euros. A família Castro S. Miguel de Aveiro, da empresa CAMAPE, oferece a telha para a Igreja. Mas falta o transporte para Luanda. Não será que os gabelenses se poderiam unir para ajudar neste transporte? Seria um grande alívio económico. Aqui ando a tratar da isenção de direitos aduaneiros. Como a telha terá de vir num contentor de 12m, mas não ocupa a totalidade do espaço, poderiam vir tintas, material eléctrico, mosaico para o chão que queríamos remodelar na parte que não tem marmorite... Nem só dinheiro interessa. Lanço este desafio a todos vós no início desta quaresma que é sempre para os cristãos tempo de partilha e de solidariedade. Muitos de vós aqui fostes baptizados, fizestes a primeira comunhão, casastes, baptizastes os vossos filhos. Sei que há vínculos muito fortes que vos unem a esta linda Igreja. Que essa união agora seja visibilizada através da vossa partilha. Será, penso eu, uma maneira de vivermos a nossa quaresma de forma diferente. As obras vão iniciar no dia 1 de maio se Deus quiser. Por isso precisamos urgentemente da vossa colaboração.

Votos de Santa Páscoa para vós e para as vossas famílias

Com amizade P. Augusto Farias



na montanha, recordando. . .

Brasil, ano 2003, em campos de Jordão.

luís mota

Pouco mais de dois meses aguentei trabalhar no tal “estabelecimento de modas”, pois um belo dia apareceu um cliente com um cesto de cebolas que posto na balança acusou o peso de 15 kg. . Quem atendeu foi o chefe da casa e sem que o cliente pudesse expor o que pretendia permutar, jogou com rapidez o cesto das cebolas no monte existente num dos cantos da loja.

Entretanto o cliente escolheu os panos que pretendia trocar pela cebola, mas logo foi avisado pelo chefe da casa que para levar aquele pano teria de completar a diferença com dinheiro ou ir buscar outro cesto de cebolas, visto que o que havia trazido só pesava 8 kg..

A tudo assisti procurando manter a calma e observando até que ponto chegava o descaramento do dono do estabelecimento. O cliente logicamente protestou dizendo que a cebola pesava 15 kg. E portanto uma vez que não dava para levar os panos que ele

queria, então exigia a cebola de volta. Como resposta, recebeu uma saraivada de murros e pontapés, aplicados pelo chefe da casa, gritando que não tinha o direito de duvidar dele.

Nessa altura, não me contive, pelo que resolvi intervir a favor do cliente lembrando que, na realidade, o cesto pesava 15 kg. E portanto o cliente estava cheio de razão. Palavra, puxa palavra, o chefe ameaça tratar-me do mesmo modo que fez com o cliente mas talvez com medo da reacção não passou das ameaças. Então fui obrigado a dizer-lhe que se foi daquela maneira que ele conseguiu fazer fortuna ao longo de muitos anos em África, não merecia os meus elogios, nem a minha admiração e assim a partir daquele momento não mais trabalharia para ele.

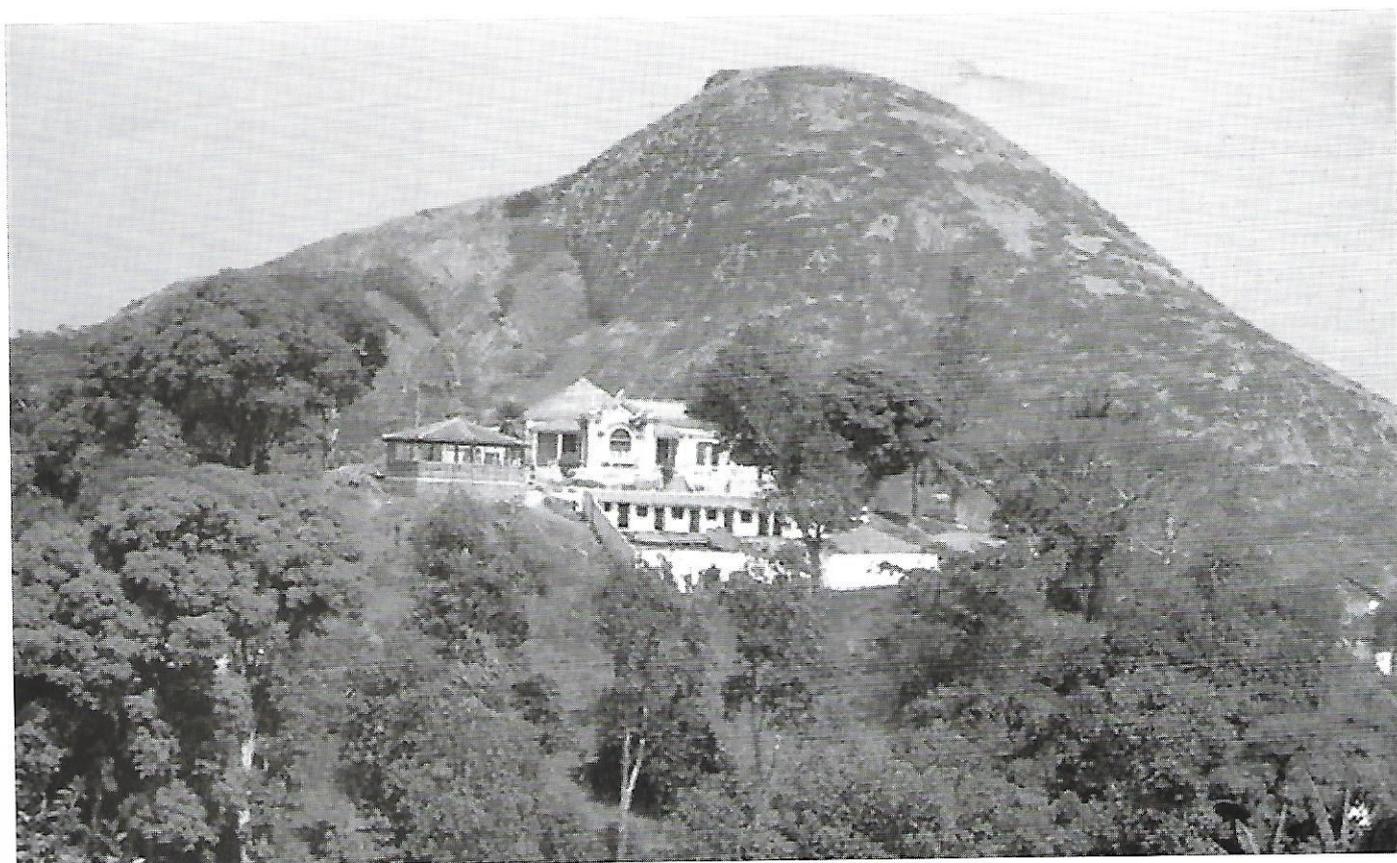
No mesmo dia, na rua, com a mala na mão e sem um tostão no bolso, comecei a sentir o peso de que é estar sozinho no mundo . . .

Dirigi-me ao velho Hotel Saúde, então

administrado na época pelo bondoso Senhor Campos a quem expus a minha situação. Recebi como resposta que ficasse inteiramente à vontade e que não me preocupasse pois logo arrumaria emprego e então pagaria o hotel. Em boa verdade, no dia imediato fui informado que havia uma vaga de dactilógrafo na CADA (Companhia Angolana de Agricultura). Naquela época dactilografia era uma das coisas que melhor sabia fazer . . . Pedi uma bicicleta emprestada ao André Figueiredo e com ela me dirigi à Companhia.

Aqui fui informado que o director estava doente e portanto só depois de ele assumir o posto poderia voltar a tratar do assunto, pois já tinham passado cerca de 20 concorrentes e nenhum tinha sido aprovado. Procurei saber aonde era a residência do director e sem delongas para lá me dirigi. Casarão bonito . . . cercado de sanas e ingazeiros, com enormes pés de café. Jardim maravilhosamente tratado . . .

A empregada já tinha o recado na



ponta língua, o senhor director não pode receber ninguém. Pois é mas a mim vai receber! É o seguinte minha querida, você vai dizer-lhe que eu sou do Porto ou melhor da Foz do Douro, vizinho da residência da família dele. Sou a pessoa que a Companhia precisa para preencher a vaga de dactilografo para a qual já vieram 20 candidatos e nenhum serviu. Podem, entretanto, até encontrar quem escreva igual, mas melhor do que eu não...

Foi batata: mandou-me entrar. O quarto onde ele estava mais parecia um salão de baile do que um quarto de dormir. Enorme mosquito montado sobre uma grande cama e várias peles de onça espalhadas pelo chão servindo de tapete. Depois de resumir a minha história, mandou que me sentasse e pediu à empregada que chamasse o secretário dele, que era baixinho, magrinho, com bastante falta de dentes, mas que mais tarde vim a constatar tratar-se de boa pessoa.

Foi fácil e depois dos exames de dactilografia e redacção fiquei empregado no mesmo dia, logo colocando à minha disposição um jeep com motorista para que fosse à Gabela buscar a minha bagagem, que não passava de uma mala. No mesmo dia fui alojado num quarto com banheiro, aonde passei a viver.

Embora só tivesse dormido uma noite no hotel foi com enorme emoção que agradei ao bondoso sr. Campos a quem nunca mais esqueci e a quem mais tarde tive oportunidade de retribuir o favor que me fez e a confiança em mim depositada.

Ali vivi cerca de um ano, juntando algum dinheiro, pois mesmo que quisesse não havia como gastá-lo. Tínhamos o clube onde passávamos a maior parte das horas de lazer, mas nem por isso tínhamos como deixar de ver as mesmas caras, o que acaba por cansar. Muitas vezes eu pensava se valia a pena sacrificar alguns anos da minha vida, vivendo naquele marasmo, para em troca juntar uma quantia que me permitisse ser independente um dia. Sempre chegava à conclusão que seria errado, pois as economias que fizesse, jamais compensariam os anos de vida perdidos.

E foi assim que, um belo dia, me dirigi ao Director da Companhia e lhe expus o meu problema. Ele fixou-me bem nos

olhos e disse-me: *meu jovem, você fez-me voltar na vida uns quarenta anos atrás, pois tive um momento na minha juventude em que tomei uma atitude exactamente igual à que você está tomando hoje. Naquela época morava e trabalhava eu perto da cidade de Santos, no Brasil. Também não aguentei e acabei por ir viver na capital, na época, Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa.*

E, foi assim, com a carteira abonada pelas economias de um ano que fui parar na bela cidade do Lobito e na qual no mesmo dia que cheguei arranjei emprego com a vantagem de ganhar exactamente o dobro do que ganhava na CADA. Este era o emprego para o qual eu mais adaptado estava, pois reunia conhecimentos largos de dactilografia e facilidade em redigir pelo que logo fiquei encarregado do sector de correspondência.

Com os meus 22 anos, um bom ordenado e boa pinta, logo a mulherada começou a chover na minha horta . . . E de tal modo que um ano e pouco depois tive que me fazer evaporar, sumindo que nem fumaça ou então casava no cabresto e não era porque não gostasse da moça, mas sim por motivos de outra ordem . . . Tudo estava a ser muito precipitado! É bom notar que minha fuga não foi para

me isentar de compromisso mais sério pois na realidade não existia. Apenas um forte envolvimento de toda a família dela que com grande ansiedade conduziram as coisas para que eu acabasse no altar o mais rápido possível.

Talvez porque entendi isso a tempo e antes que fosse tarde, dei uma de covarde e fugi. Não estou arrependido, nem nunca me arrependi . . .

E não é que o destino, será que é mesmo o destino (?), me levou novamente à Gabela? Depois eu conto . . .

Uabuaçu.

Luís da Silva Mota:

Reside no Brasil, desde 1968, esteve em S. Paulo e actualmente, divide a vivência, com a família, na montanha, Campos de Jordão, numa "chacara", que é um encanto onde recorda, na montanha, a estadia no Amboim, Gabela, onde casou com Georgina Magalhães (Gininha) e, outra parte na praia do Guarujá.



apelo á verdade



Recebi do meu estimado amigo e conterrâneo (nascemos em Angola), Professor Mário Frota, Director do Centro de Estudos de Direito do Consumo de Coimbra, para apreciação e divulgação, um "texto que há de encimar a petição a submeter ao Parlamento", cuja iniciativa é de Maria do Céu Anjos Simões Hall Castelo Branco (também angolana) que, pelo conteúdo e intenção - **"APELO À VERDADE HISTÓRICA"** - do que foi a descolonização, subscrevo e apoio incondicionalmente com entusiasmo no desejo que desde sempre alimentei, de ver reabilitados todos aqueles que, além mar e, especificamente em Angola, vi erguer sob o signo do trabalho honesto, o Império Português...

Reproduzo, adiante, o texto na íntegra, que envio para publicação no nosso Boletim, o Gabelense, desejoso de sensibilizar os gabelenses e não só, que reconheço, serem credores de uma manifestação de solidariedade pelo muito que, do seu esforço, labor e tenacidade, deram em prol do desenvolvimento e enriquecimento das terras do Amboim onde se fixaram, com

com os desejos sinceros que se excluam, de vez, as intenções políticas, que sempre nos apontaram como os causadores da desgraçada descolonização...

Que de uma vez, sem dúvidas, se reabilite o **"COLONO"** que em Angola contribuiu, de Cabinda ao Cunene e de Benguela ao Moxico, com o seu esforço, para o seu engrandecimento e desenvolvimento.

Segue-se o texto que recebi do meu amigo Mário Frota, que agradeço.

Silva Carvalho.

APELO À VERDADE HISTÓRICA

O timbre oficial era o de **"retornados"**.

Nos bastidores da vida os epítetos eram outros "negreiros", "exploradores", "ladrões", "assassinos"...

O estigma perdurou.

Dilacerou-se a alma de quem, afinal, vivera a sua vida num dado enquadramento, mesclando-se, aculturando-se, recriando uma sociedade diferente em um espaço distinto.

Criámos uma sociedade multirracial.

Andámos nas mesmas escolas.

Frequentamos os mesmos lugares de lazer.

Dançámos a **"rebita"** ou a **"marrabenta"** nos mesmos espaços e em conjunto.

Os poderes instituídos segregaram-nos, vilipendiaram-nos . . .

E a reparação moral jamais sobreveio.

Para se salvaguardarem mudaram o nome às coisas: ao **abandono ignóbil** e **sem sentido** se chamou a **"exemplar descolonização"**

E as vítimas de tamanha irresponsabilidade contam-se por milhões.

O País teve direito de colonizar. Teria o dever de descolonizar.

E não o fez.

E lançou os deserdados da fortuna para o esgoto da História . . . **sem honra nem glória.**

António José Saraiva o intelectual honesto e insuspeito que a História regista qualificou o exemplar abandono como **"a página mais negra da História de Portugal" !**

Volvidos 30 anos, exige-se o reconhecimento do indómito esforço que foi o nosso para a criação de uma sociedade singular que os famigerados **"ventos da História"** (a **cegueira política, a cobardia institucional** e a **cedência a interesses outros**) fizeram precipitar o caos.

Exige-se tão só a

REPOSIÇÃO DA VERDADE,

a **REABILITAÇÃO** de cada um e todos que nados e criados ou só criados além-mar ergueram sob o signo do trabalho honesto verdadeiros **IMPÉRIOS,**

a **REPARAÇÃO MORAL,** afinal, a que todos temos jus.

Daí que formulemos a **PETIÇÃO** que visa veicular uma tal pretensão.

A memória de **PORTUGAL ETERNO** impõe-no, exige-o veementemente, numa revisão de processos a que a História há de proceder.

Texto de Mário Frota.

pintora portuguesa faleceu aos 28 anos em Bruxelas...

giliana figueiredo, um talento em flor

Retirei este artigo, que transcrevo para o nosso Boletim, do Jornal das regiões do mês de Julho de 2003.

É uma recordação que desejo transmitir principalmente aos gabelenses que a conheceram e, por certo, recordarão a Gily.

Para quem não se lembrar, relaciono-a com os Pais a Alda Carvalho e Nuno Figueiredo e com os Tios, os meus íntimos amigos Emília Carvalho e Júlio de Carvalho.

Da Gily, a minha recordação fixa-se numa criança, a menina que conheci em Luanda e, depois em Portugal – Cascais, uma criança radiosa que transmitia simpatia, irradiando à sua volta muito carinho e amizade.

Silva Carvalho.



Era bonita e afável, firme e coerente nas suas decisões, e tinha uma carreira auspiciosa nas artes plásticas. Era um talento em flor e o seu lema era viver o dia a dia, o momento presente como emanção da filosofia budista a que se dedicara paralelamente à pintura.

Mas uma doença prolongada levou-a prematuramente aos 28 anos... Gily, conforme assinava os seus quadros, era um talento artístico já previsível, e muito deveu o arranque da sua breve carreira aos incentivos do pintor José Man, seu professor nos 10º, 11º e 12º anos no Liceu de São João do Estoril, que frequentou quando decidiu seguir Arquitectura (área E), acabado o 9º ano. Em vez de ficar comodamente em Lisboa a estudar Arquitectura, Gily optou por Bruxelas, onde sua irmã Paula, antiga jornalista, é funcionária da Comissão Europeia desde os Anos 80.



Para Gily era uma forma de evoluir mais depressa, num ambiente que já conhecia, mais cosmopolita em termos de arte e oportunidades que se abrem aos artistas debutantes, tendo optado pelo curso de Design e Publicidade na Académie Royale des Beaux Arts de la Ville de Bruxelles, no departamento de design gráfico e comunicação visual, obtendo em 1997 o diploma do Ensino Superior Artístico.

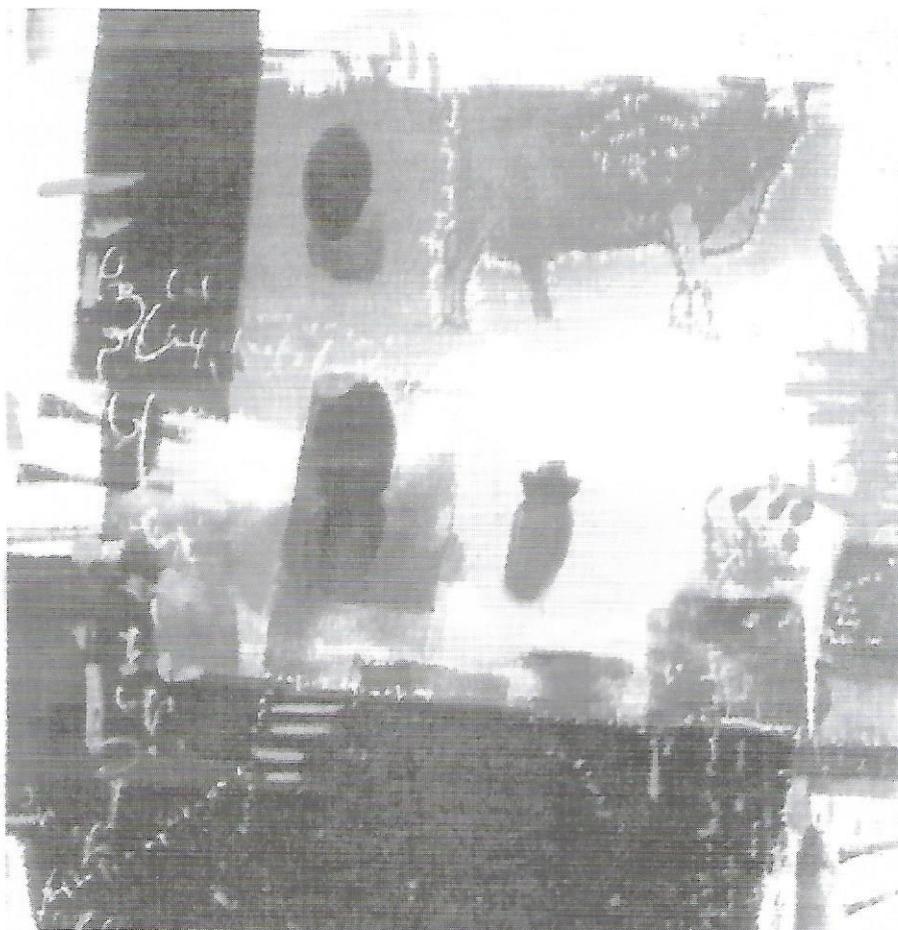
A sua formação académica prosseguiu, matriculando-se em 1998 na "La Cambre", Escola Superior de Artes Visuais, no departamento de serigrafia e tipografia, ou seja, uma complementaridade ou pós-graduação.

Em 1991 faz estreia numa colectiva subordinada ao tema "**Viragem Jovem**", no Espaço T.E.C. (Teatro Experimental de Cascais), seguindo-se em 1993 uma colectiva na Caixa Geral dos Depósitos, em São João do Estoril.

Em 93 ou 94 conhecemos a jovem pintora, que nos mostrou alguns trabalhos a tinta da China, e logo percebemos que estava destinada à pintura. Volvidos poucos meses soubemos que fora estudar Design para Bruxelas e, da sua evolução como estudante e artista. É na capital belga que volta a expor, iniciando uma nova etapa decorrente da sua formação na Academia Real de Belas Artes.

Em 1999 vamos encontrá-la na **Galeria Atrium**, no Saldanha, rodeada de familiares e amigos, e do seu antigo mestre, José Man, numa colectiva ao lado de Manuel Carmo, Pedro Girão e que Susana Mourão, naquela é sem dúvida um marco na sua carreira, porque é a primeira vez que se apresenta em Lisboa. Nesta exposição é patente a sua evolução e maturidade, recebendo todos com o seu inconfundível quente sorriso, que lhe vinha da sua costela tropical.

No mesmo ano, faz outra colectiva em **Setúbal** na prestigiada **Galeria Arte e Oficina**, ao lado de Carlos Eirão, Francisco Ferro do japonês Hitoshi Takemoto, José Carlos Prudêncio, Maria José Vieira, Pedro Castanheira, Pilar Correia, Sandra dos Santos e Vitor Pinhão. A propósito da iniciativa já "habitue" durante a Feira de Santiago, o galerista Luciano Costa salientou "o aliciante especial de alguns novos nomes, parte deles, de jovens notáveis que estão a construir as suas carreiras com muita determinação e grande



talento".

Giliana começou a desenhar a carvão, a tinta da China, lápis de pastel, a interessar-se pela serigrafia, para depois, já na Bélgica, enveredar pelo óleo. Em Bruxelas tudo corria conforme os seus anseios e projectos: "ter uma formação académica, mas continuar a sua veia de pintora, que despontou pelos catorze, quinze anos", diz-nos sua mãe, Alda.

"**Nuvens a pastar**" é um óleo da autora que homenageamos, e alusivo a vaquinhas a pastarem em tom celestial, lembrando alguma influência de Marc Chagall (?). Mas sua mãe explica melhor: "Ela tinha uma grande paixão pelas vaquinhas... na Bélgica andava pelos campos a fotografar as vacas que pastavam, a ponto de trazer sempre consigo uma vaquinha de peluche, branca e malhada". Uma espécie de talismã para Giliana, que a levava nas viagens que fazia, e inclusive para o hospital, onde faleceu.

Gily era bela, formosa, sorridente, afável, "mas também firme e decidida". "Ela tinha uma personalidade muito forte e uma grande coragem e, sobretudo era um espírito sábio,

prevendo as coisas para além de...(!) e, com uma sensibilidade que permitia fazer uma análise fora do normal às coisas".

"A Gily era despegada das coisas materiais, queria viver o dia a dia, embora com os pés assentes no chão, e dava muito valor ao interior das pessoas. Ela amava a vida e, quando já estava a fazer quimioterapia, numa altura veio do hospital e como havia um espectáculo de música, pegou nos sobrinhos e amigos, e foram todos ao concerto".

Giliana faleceu no dia 8 de Janeiro de 2003 e as suas cinzas foram lançadas ao mar, conforme o seu desejo expresso. A jovem pintora, nasceu sob o signo do Caranguejo, a 13 de Julho de 1974, em Luanda, onde voltou algumas vezes de visita.

A família prevê ainda este ano uma retrospectiva da sua obra na casa Potoff, no Chiado, a realizar pela galerista Maria Nereu, com trabalhos cedidos por coleccionadores portugueses e espólio da pintora.

um peregrinar de emoções um breve percurso ao passado.

mário frota

E o poeta dá o tom, em evocação
preenhe de sons, cores, cheiros, sabores
e dos saberes de uma África que,
sendo Mãe, foi sobretudo **madrasta**
pela **mão manchada de sangue e**
untada pelos pecados da corrupção
dos que a **condenaram às galés,**
condenando-nos ao desterro:

*“ Tenho dentro do meu peito guardadas
todas as claridades do teu sol brilhante
e com amor conservo
todos os tons de azul do teu mar-
oceano
e os cheiros bons da minha infância*

*Terra de África
Mãe mulher amante
Gastei todas imagens de poeta
Pintei todos os búzios e maboques
Com cocos e goiabas à mistura
Mas no coração persiste este desejo
De viajar de novo no teu ventre-abrigo*

*África terra
Terra de um único povo preto e branco “*

E o poeta, que me é próximo pelos
sangues que se mesclam dos
progenitores comuns, canta o
desalento de uma África em que os
sons dos matrindides e dos bicos de
lacre, dos periquitos e dos cardeais, é
abafado pelos sons da metralha

*“ Há dentro de mim paisagens de
sol e de mar da minha terra distante
procuro nos jornais
a confirmação urgente de que o sol
continua a inundar majestoso
os campos e as praias da minha terra
distante*

*mas os jornais
cruelmente me falam de guerra e de
lutos
na minha terra distante*

E nas lembranças dos lugares e das
coisas, dos espaços em que de
meninos nos tornámos homens, um rio-

símbolo, uma imagem de marca de
uma terra úbere, sinal de diferenças
que se esbatem nos que a povoámos:

*“ Coringe meu rio seco
tão seco como estas lágrimas
que os meus olhos já não choram
na saudade sem remédio de estar longe*

*Coringe
meu rio seco*

*caudaloso rio das chuvas de março
com barcos de papel
dos meninos da Camunda*

*Coringe
Meu rio seco
Pequenino rio a separar
Os vivos e os mortos*

*Os vivos da cidade do asfalto
Os vivos-mortos das cubatas da
Camunda
Os mortos-mortos do calundo ali perto*



"E à memória do poeta, como dos que se lhe associam, acode o ror de acordes de outras paragens:

*" não sei se sou poeta
só sei que trago cá dentro
uma lembrança que dói*

*ó velhas cazuarinas
que abrigastes um dia
os sonhos loucos e bons
do adolescente que fui*

*que é da sombra amiga
e do cheiro a maresia
e da areia dourada
da nossa Praia Morena?*

*canoas de pescadores
com peixe fresco a saltar
e raparigas bonitas
com as quindas à cabeça
gritos de garças ao vento
e aquele azul do mar
imenso mar a afastar-nos
desta Europa deste túmulo*

*não sei se sou poeta
só sei que trago cá dentro
tantas lembranças que doem "*

E ao Luís, para quem a Escola 30 era um laboratório de ensaio na escola de formação em que ele era o formador-mor e nós sequiosos formandos de tanta coisa boa em que o seu saber-fazer e seu luminoso exemplo foram pilares de uma educação integral que a mocidade elogia como escopo-magno do seu ideário feito programa de acção, uma evocação desse espaço fecundo onde tantos projectos vingaram e tantos sonhos feneceram:

*" Já não tenho quem aposte comigo
o cajimbula*

na Escola 30

*Já ninguém responde à chamada
Da Dona Esmeraldina*

*Já ninguém sabe quem era
O velho Papo-Seco*

*E a grande boca do tempo
Devora com furor
Os retratos percíveis
Da minha infância-memória "*

E em jeito de despedida, de doloroso adeus, um breve evocar do "chão e das raízes", lancinante grito atoa os ares:

*" Não me peçam para esquecer
a minha terra*



*não me peçam para esquecer
a minha terra*

eu não posso

*se o preço de ser livre
foi perder a bagagem*

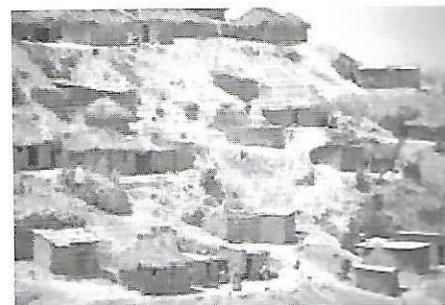
*no exílio o que custa
é não perder
a memória "*

A quantos edificaram a Angola portentosa que nos serviu de berço e foi acolhedor regaço para tantos que a elegeram como pátria de adopção, a quantos a regaram com o sangue, o suor e as lágrimas que gerações e gerações verteram, o preito sincero de homenagem dos que, resistindo aos impropérios do tempo e aos anátemas da História, se refugiam nas amplas furnas de uma memória-menina, de bibe e de calções, que teima em fazer flutuar os que outros precipitaram em naufrágio. Aos cabouqueiros de uma Angola em cujo ventre homens e mulheres de todas as cores, de todas as raças, de todos os credos se fundiam na crença irmanada de uma **Pátria comum**, aos que repousam eternamente e cuja memória se não resgatou por quantos, usurpando a história, feriram de morte as vidas impolutas dos que pautam o tom e o

som dos seus dias pela probidade, pela verticalidade e pela inquebrantabilidade das suas profissões de fé, a veneração rendida dos que, resistindo, permanecem.

Nos poemas se reconhece a pena de um Carlos Frota, poeta de exílios, embaixador de profissão. Na descolorida prosa, a de um pobre ensinante de leis, que à custa de tanto ensinar, não aprendeu as lições do exílio, na dessolidariedade dos que o cercam, na mediocridade em que submergem e na avidez com que destróem o Portugal eterno que catavam os nossos maiores.

Mário FROTA



CAMAPE, LDA E IRMÃOS CASTRO



Investem em novo empreendimento, dentro de uma arquitectura moderna, inserida numa zona verde da Cidade de Aveiro designada por "Quinta de Sto. António".



Início de Urbanização com 319 apartamentos, designada por "cidadela de Ílhavo".